FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

A Fabulosa Viagem de Duda e Lola em busca da irmã perdida ou... Cadê Kika?
Quando a imaginação atravessa gerações: a memória e o encantamento da cena

Por Bob Sousa[1]

Em *A Fabulosa Viagem de Duda e Lola em busca da irmã perdida ou... Cadê Kika?*, do Grupo Caixa de Histórias, a imaginação se estabelece como território de aventura, descoberta e transformação. Duda e Lola partem em busca da irmã desaparecida, mas o percurso logo se revela muito maior do que a procura por Kika. Guiadas pela intuição e pela curiosidade, as duas atravessam um universo de personagens fantásticos, entre eles o maior Medroso do mundo, uma Fofoqueira que tudo sabe e explica e um Homem que não ri. Cada encontro representa uma possibilidade de deslocamento, fazendo da viagem uma experiência de transformação do outro e, consequentemente, de descoberta de si mesmas.

A narrativa visual encontra sua força na relação entre os objetos, os figurinos e o jogo de imaginação que sustenta a aventura. Há um cuidado particular com a composição e a preservação dos elementos cênicos, que não se apresentam como simples acessórios da representação, mas participam ativamente da construção desse universo fantástico. Merece especial atenção a conservação dos objetos de cena e dos figurinos originais da primeira montagem, realizada em 2007. Quase duas décadas depois, esses elementos retornam ao palco carregando as marcas de uma trajetória artística e a memória material de uma criação. Sua permanência não significa apenas a manutenção de uma identidade visual, mas também um gesto de respeito à história do próprio espetáculo. Os figurinos e objetos parecem guardar suas próprias narrativas, testemunhando a passagem do tempo e reafirmando a vitalidade de uma obra que continua encontrando novos espectadores. É como se também eles participassem da viagem, trazendo consigo quase vinte anos de histórias.

Essa dimensão da memória se articula à própria natureza artesanal da proposta, na qual

[1] **Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp (com orientação da Profª Drª Simone Carleto Fontes), onde também obteve o título de mestre em Artes (com orientação do Profº Drº Alexandre Mate). É jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes – e de Artes Visuais do Prêmio Arcanjo de Cultura. Autor do livro Retratos do teatro (Editora Unesp).**

os elementos materiais são convocados a alimentar a imaginação e ampliar as possibilidades de leitura da cena. O universo fantástico não depende necessariamente da reprodução realista dos lugares e personagens, mas da capacidade de transformar o que está disponível em matéria de invenção. Nesse sentido, a visualidade se constrói também naquilo que o espectador é convidado a completar com seu próprio repertório imaginativo. O jogo teatral torna-se, assim, um espaço de cumplicidade entre artistas e público, especialmente importante quando se trata de uma criação dirigida à infância.

E é justamente no encontro com o público que a montagem revela uma de suas dimensões mais bonitas. A presença de dezenas de crianças da primeira infância, vindas de uma escola próxima à Casa de Cultura Eugênia, confere à apresentação um significado que ultrapassa a experiência de assistir a um espetáculo. Proporcionar a esses pequenos espectadores o primeiro contato, ou mais uma oportunidade de contato, com a linguagem teatral é também oferecer-lhes a possibilidade de imaginar mundos, inventar personagens e descobrir que a realidade pode ser reinventada. Há uma dimensão poética nesse encontro entre a cena e os olhares ainda tão disponíveis à descoberta. Para essas crianças, o teatro não é apenas uma história que se acompanha, mas um acontecimento capaz de despertar curiosidades, provocar encantamentos e abrir janelas para outras formas de perceber o mundo. A imaginação, nesse contexto, deixa de ser apenas o assunto da peça para se tornar uma experiência compartilhada, uma semente lançada no território sensível da infância.

A direção de Marcio Douglas organiza esse percurso, articulando a dramaturgia assinada por Glauce Carvalho, Karina Müller e pelo próprio diretor. A condução das duas atrizes, Glauce Carvalho e Karina Müller, encontra na relação entre os personagens e nas situações cômicas um caminho para movimentar a narrativa. O treinamento corporal de Robson Jacqué integra essa construção, enquanto a direção musical de Beto Quadros participa da composição do universo expressivo da montagem. A criação dos figurinos, assinada por Dagmar Siqueira, merece destaque também pelo diálogo com a memória visual da primeira versão. Renato Junior responde pela iluminação e por sua operação, contribuindo para a organização das situações cênicas. Completam a ficha técnica Luis Alberto de Abreu, na assessoria dramatúrgica, Marcio Douglas, no design gráfico, e Orlando Sales, na

contrarregragem.

Por trás da aparente simplicidade da aventura, o espetáculo apresenta uma reflexão delicada sobre o medo, a escuta, a convivência e a capacidade de transformação. O Medroso, a Fofoqueira e o Homem que não ri são figuras que materializam comportamentos levados ao exagero, mas que encontram, no contato com Duda e Lola, a oportunidade de experimentar outras possibilidades de existência. A imaginação deixa de ser apenas um atributo da infância para se afirmar como uma potência humana, capaz de romper condicionamentos e modificar relações.

Apresentado na Casa de Cultura Eugênia, durante a 40ª edição do FestiVale, o espetáculo do Grupo Caixa de Histórias reafirma a importância de um teatro que compreende a infância como território de inteligência, sensibilidade e invenção. Há uma beleza particular em reencontrar uma criação de 2007 que conserva seus elementos originais e continua em circulação, atravessando gerações sem perder sua capacidade de despertar encantamento. E talvez resida aí uma das maiores contribuições dessa experiência: fazer com que dezenas de crianças descubram, dentro de uma sala de teatro, que existem infinitas maneiras de imaginar aquilo que ainda não conhecem. Afinal, talvez a grande descoberta dessa fabulosa viagem não esteja apenas em encontrar Kika, mas em perceber que a imaginação, quando compartilhada, pode transformar o mundo e devolver às coisas, às pessoas e às histórias a possibilidade de serem outras.